CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: A Tribuna Class.: PIX - Kalapalo 03

Data: 21.04.68 Pg.: 9

A "Tribuna" inicia hoje a publicação de uma série de reportagens de Willy Aureli, nome que dispensa apresentação. Natural de S. Vicente e radicado há vários anos em São Paulo, W.A. é escritor e jornalista, possuindo várias obras subordinadas, por assim dizer, a um tema geral: a selva brasileira. A época do bandeirantismo já passou, convenhamos, mas êsse velho profissional de imprensa continua a exercê-lo tal é a sua paixão pela vida na selva, pelo que tem o Brasil de desconhecido. É pioneiro nesse setor, e seus trabalhos têm o sabor de uma viagem pelos sertões. "Lá se vão 30 anos desde essa entrada que escreveu as primeiras páginas de um grande capítulo na história da reprise do bandeirantismo paulista" – diz o autor, que nos conta agora

Kalapalos adentram a "Casa dos Mistérios"

As mulheres são lindas, de forma estatuária; os homens robustos. Sua atividade básica é a pesca, que praticam com o emprêgo da flexa. Dessa "maravilha humana", que se vai extinguindo aos poucos do sertão brasileiro, é ainda Willy Aureli quem nos fala; com segurança e conhecimento, porque foi êle o comandante da Bandeira Piratininga. Perceberá o leitor que W.A. não se limita a contar a história dos nossos índios, mas, aqui, ali, denuncia o "ataque" criminoso dos civilizados a essas tribos; principalmente às mulheres, cuja integridade é defendida por lei. Essa denúncia, vale lembrar, foi há poucos dias feita também pelo ministro do Interior, gen. Albuquerque Lima, em representação ao min. da Justiça

Os Kalapagos, êsse belo grupo étnico

O RIO COLUENE é um dos formadores do Xingu. Êle e mais quatro rios, precisamente o Curiveso, o Batovi, o Ronuro e o Steinen (nome dado em homenagem ao famoso explorador alemão Von Steinen, que descobriu o rio Xingu, realizando o seu total levantamento posteriormente ratificado e retificado em parte, pelo seu filho), dão comêço a imensa e turtuosíssima avenida fluvial, que termina no majestoso Amazonas.

O maior afluente, em sua margem esquerda, é o ainda hoje misterioso rio Iriri, onde, segundo consta, se agrupam tribos belicosas e por classificar. Caminha, o Xingu, saltitando pelas suas trezentos e tantas cachoeiras, corredeiras ou saltos, em demanda ao Rio-Mar, passando já no alto Pará, pela cidade de Altamira, encravada na luxuriante floresta amazônica.

O núcleo mais importante de silvícolas que habitam o Coluene é o dos Kalapalos, índios êsses "redescobertos" ou "reencontrados", como queiram, pela expedição do Roncador-Xingu, criada pelo então ministro João Alberto e que mais tarde viria a transformar-se na Fundação Brasil Central.

O terem sido "redescobertos" pelo civilizado empreendedor, nenhuma vantagem trouxe a êsses esplêndidos bugres. Tempo houve, nos primórdios dêsse encontro, que o aldeamento dêsse gentio passou a ser um ponto quase obrigatório de "week-ends" sucessivos e nem sempre formados por gente-bem, diga-se de passagem... Foi dêsse núcleo que surgiu a índia Diacuí que tanto deu que falar.

Vivem, desde que se radicaram onde hoje se encontram, num ambiente dos mais belos. O Coluene possui praias formosas, amplas, alvíssimas, densas florestas marginais, extensas campinas ou cerrados alternando-se com a selva. O rio é piscosíssimo, assim como os lagos das orlas.

Para encerrar o que diz respeito ao rio, acrescentarei que o Coluene tem primórdios nos contrafortes da Serra do Roncador, vertente oeste, que é a divisora de suas águas com o rio das Mortes e o Araguaia. Muitos afluentes e co-afluentes avolumam-lhe o líquido que despesa generosamente no Xingu.

O Kalapalo é, em seu todo, um ser robustíssimo, sem exibir, em contrapartida, essa elegância de porte que se nota entre os Bororos, Carajás ou Xavantes. É, conforme se usa dizer, um "grossão" membrudo, bíceps possantes, coxas e pernas poderosas e dá a impressão, quando visto pela primeira vez, ter sido criado pela natureza em sentido quadrado.

Magnífico grupo étnico, entretanto. As mulheres são lindas, com formas estatuárias. Vivem êles, homens e mulheres, completamente nus. Usam, as descendentes de Eva, espécie de cinto de [illegible]

Essa maravilha humana, vivendo no esplendor da natureza, vai-se infelizmente extinguindo e são poucos os Kalapalos de hoje, mas já foram grande nação que se diluiu numa série de mistérios e que se dilui, hoje, com o densificar-se da civilização. Assim como aconteceu aos Javaés, também aos Kalapalos a ruína vem por possuírem mulheres muito bonitas. Isso explica os "week-hends" ainda de recente data...

O índio Kalapalo é quase bàsicamente pescador. Das águas do rio ou dos lagos limítrofes extrai, com abundância, peixe e quelônios. Têm suas roças, não muito intensas, onde planta e colhe o "mais" (milho), macaxira (mandioca) e algumas frutas. É guloso como de todos os índios aliás, de mel, que busca e de que se abastece em larga escala.

Para a pesca o índio em aprêço usa a flexa ou o cipó-timbó que, macerado e imerso no líquido, provoca a paralisia imediata da fauna ictiológica. Com êsse meio o Kalapalo facilita a obtenção do desejado.

Já disse que é êle robustíssimo, atlético. Sua índole básica é pacífica. Mas, se irritado ou ameaçado, não desdenha empunhar as armas em defesa de seus entes e haveres. Já lutou muito com os Bororos, com os Suiás, com os Xavantes e com os Caiapós. Todo êsse gentio reeditando o "rapto das Sabinas" para o melhoramento da raça...

CORTA os cabelos "à frade". A cabeleira mais parece uma cuia virada. Pinta-se usando o suco de jenipapo, fruta do tamanho e formato de um abacate e que dá linda côr preta. Usa também o urucu, semente portadora do mais belo tom vermelho. De certa argila extrai a tinta branca e com essas três tonalidades engenha-se para criar, em seu corpo, os mais lindos arabescos, artísticos até, e onde a fantasia de cada um alcança os limites das mais bela imaginação.

À altura dos bíceps amarra fortemente os braços com embiras. Dos tornozelos à altura do meio da perna, também estrutura uma ligadura fortíssima, tôsca, feita de cipós flexíveis, espécie de perneiras das usadas antigamente pelos Wikings. Essas perneiras emprestam-lhe o andar típico de "marinheiro bêbado".

Gosta imenso de adornar-se de lindos colares feitos com conchas fluviais ou dentes de animais silvestres. Nas orelhas usa pomposo brinco de penas multicores que se abrem, na dianteira, com grossos pincéis. Também usa capacete em forma de diadema feito com as penas mais luxuriantes de aves multicores. Êsse diadema tem forma de ogiva que dimui progressiva e delicadamente nas bordas.

O Kalapalo tem crânio esferóide, testa ampla, parte zigomática saliente, nariz arrebitado, curto. O perfil assemelha-se estranhamente ao de um eslavo e, particularmente, aos habitantes das estepes do Don, na Rússia.

Volvendo às mulheres, direi que elas estão rigidamente dentro dos cânones exigidos por uma anatomia perfeita. Seios grandes, rijos, ventres ligeiramente abaulados tipo "Vênus de Milo" não infeiror em harmonia de conjunto. Pés pequenos, olhos bonitos, dentaduras perfeitas e brancas, grossas sombrancelhas. São glabas (não tem pêlos) e usam, como único adôrno, um colar. Deixam cair às costas suas abundantes cabeleiras corvinas.

O andar é ondulante, apoiando-se diretamente sôbre as pernas, isto é, descansando durante o ritmo da andança, todo o lado correspondente do corpo ao arto inferior. Nessa cadência langorosa, movimentam-se sem pressa, balançando as fartas ancas de desenhos impecáveis.

As crianças de ambos os sexos, libertas de qualquer "amarração" andam, saltitam, pulam alegres e faceiras, brincam como tôdas as crianças dêste mundo enfim.

As meninas ao atingir o quarto ano de idade, passam a usar o "cinto-de-castidade" que é um ligeiro cordel amarrado em tôrno da cintura, convergindo na comissura das coxas. Os rapazes, na puberdade, são submetidos ao rito da circuncisão, como os hebreus.

As môças casadoiras, quando prometidas para o conúbio, são separadas em choças especiais onde permanecem encerradas durante três luas, ou seja, durante três meses. Nessa clausura tribal elas apenas recebem a visita das genitoras ou das velhas do aldeamento. Fazem espécie de curso pré-nupcial, sendo instruídas quanto aos deveres e obrigações de uma espôsa.

Há, em determinadas épocas, uma espécie de liberdade sexual e o "amor livre" processa-se sem conturbar em demasia a estrutura social da raça ou da tribo.

Os homens fabricam as canoas, com a casca de landi, que é a árvore preferida e que se presta, com nenhuma outra, a essa necessidade. Amolecem sua casca, liberta do cerne, com o fogo e alçam a pôpa mediante o forcejamento em paus roliços que debelam a resistência da camisa do madeiro graças ao amolecimento provocado pelo calor. Dessa forma pouco se [illegible] dando a tortuosidade ou feitura dessa parte da embarcação, que merece especiais cuidados. Entre os Carajás, navegam longas distâncias.

As mulheres tecem rêdes para dormir com fibras de palmeira tucum, bem amplas e cômodas. Para os homens as rêdes são bem mais estreitas, e basta olhar para essas peças para se saber o sexo de quem as usa.

Nas grandes cerimônias tribais, coisa que acontece amiúde, os índios pintam os rostos de forma bizarra, criando genuínas caratonhas. A dança Kalapalo é monótona, lenta, com ligeiras variações. O "bate-pé" é a função principal. Entretanto, êsse bate-pé cria estranha fascinação entre os que a êle assistem. Como instrumental, além dos maracás, usam espécie de gaita pastoril, formada por quatro tubos, feitos de bambu escavado. Também sopram, com fôrça, em longos canos, com quase dois metros de comprimento, espécie de oboés bárbaros, de onde extraem sons cavos, baixos, às vêzes trêmulos, profundos como o rosnar de um trovão distante. Êsse instrumento é tocado por dois índios ligados entre si por grande amizade. Formam o par sustentando o pesado instrumento com uma mão, enquanto que se estreitam com os braços livres, unindo-se como irmãos siameses. Andam ligeiros, avançam, retrocedem, formam e desenham círculos, sempre bem unidos, ritmando seus passos com a mais absoluta igualdade de tempo e espaço. A bôca do instrumento é sempre dirigida rente ao chão.

Adoram os Kalapalos (são também conhecidos com o nome de Camaiurás que é corruptela do apôdo "camura" que quer dizer índio em sentido depreciativo) as exibições de destreza e fôrça.

Dão largas provas de resistências e potencialidade com os espetáculos grandemente apreciados da "uka-uka", sua luta preferida. Dois adversários de farta musculatura defrontam-se, retorcem-se, curvando-se quase ajoelhados e buscam derrubarem-se reciprocamente, volteando o contendor como cabrito no ar. Possuem altíssimo espírito esportivo e mesmo quando às vêzes resultam machucaduras sérias dessas lutas, jamais um índio guarda rancor ou manifesta desgrado do amigo com quem mediu suas fôrças.

OS DOENTES merecem maiores cuidados e desvelos por parte dos familiares. São amorosamente assistidos com solicitudes que comovem. Os feiticeiros da maloca esforçam-se mediante os exorcismos e com a obrigatoriedade de fazer engulir poções feitas com ervas, por "salvar" o paciente. Os "doutores" conhecem a fundo todos os segredos das plantas e às vêzes é dado verificar curas milagrosas de graves afecções hepáticas ou intestinais.

Êsses médicos de aldeia usam, para desinfecção de ferimentos, muitos dêles purulentos, determinada resina ou pó de jatobá. Para as fraturas esmeram-se na junção perfeita dos ossos, mantidos com fortes ligaduras de cipós sem, entretanto, obstar a livre circulação do sangue para impedir a necrose ou a gangrena. As talas são aplainadas de galhos verdes ou de grossas taquaras.

As ervas que servem, ou serviram, para o tratamento ou curativos dos pacientes são, posteriormente ao uso, levadas pelos mais íntimos às margens do rio e nêle atiradas, após uns exorcismos de praxe e nênias murmuradas em tom plangente. Dessa forma pedem às águas para levar algures, e bem longe, o mal que êsses ingredientes poderiam conter. Também dessa forma acreditam arrancar, para sempre, as atribulações e padecimentos físicos do doente.

Os mortos, cuja memória será eternamente cultuada, são enterrados numa espécie de silo, mais ou menos idêntico aos que as grandes tartarugas escavam quando da postura dos ovos. Apenas uma diferença: aos lados da parte vertical são abertas duas câmaras onde serão encaixados os pés e a cabeça do falecido. Tanto os pés como a cabeça deverão apoiar-se em pequenos jiraus, pois é mau para o morto — como crêem — tocar a terra com essas extremidades do corpo. Feito isso, é sepultado, e com êle todos os adornos ou objetos de seu uso particular.

Durante certo tempo os familiares depositarão, ao lado da sepultura, os melhores manjares manipulados na choça, para que o ente querido possa, nutrindo-se fartamente, alcançar as alturas a que está destinado em sua longa jornada sem retôrno.

AS CONSTRUÇÕES das grandes, arejadas e limpas choças do Kalapalo são obras magníficas. Obedecem a severa arquitetura que não tem similar em outras raças indígenas. Medem, essas construções, cêrca de trinta metros de comprimento, por dez de largura e outros tantos de altura na extrema ogiva. Começam fincando grossas estacas mestres, de quatro em quatro metros de distância, em média. Entre os vãos fincam paraíbas flexíveis, com muita altura. Depois envergam-na no alto, juntando-as nas extremidades dando, assim, ao arcabouço da morada, a forma de uma ogiva esmagada.

Feita a amarração em sentido longitudinal, colocam outras pindaíbas em sentido horizontal formando uma teia paralela e uniforme de ripas, um forte engradado que deverá suportar o grande pêso da cobertura. Lateralmente fazem o mesmo desde a beirada alta até o chão. A estrutura é sólida, firme, inabalável e resiste a qualquer temporal ou tornado. Tôda a grande construção é posteriormente coberta com palhas de palmeira piaçaba, sàbiamente entrelaçadas, fato êsse que torna impermeável a qualquer chuva.

Dentro da sua construção fincam, por sua vez, três ou quatro troncos de árvores retas que são, além dos suportes principais, pontos de amarração de incontáveis rêdes de dormir de tôda a grande família que se une pelos laços de parentesco próximo ou distante. Uma única e estreita entrada, jamais aberta para os lados dos ventos, permite o trânsito. Entram por ela bem agachados. Tem, essa porta de acesso, o valor de, no caso de uma invasão de tribo inimiga, obrigar o assaltante a se curvar, quase rastejar o que possibilitaria aos moradores, mesmos surpreendidos, abater os intrusos com relativa facilidade.

Os Kalapalos constroem também galpões para a guarda dos instrumentos melódicos e os adornos das festas, considerados sagrados. São construções vedadas terminantemente às mulheres. Jamais uma Kalapalo poderá penetrar numa delas, haja o que houver. Viria a sofrer tremendas consequências! Lançada ao ostracismo, passaria a ser evitada como leprosa. Tornar-se-ia uma pária e duraria breve. Aliás essa proibição de as mulheres adentrarem as "casas dos mistérios" é um traço geral, de muitas raças silvícolas que abundam neste imenso território tão rico de maravilhas folclóricas indígenas e de estupendos ritos tribais.